

Pedi pra ele provar e acabou comprando uma sacolinha cheia.

Entre produzir orgânicamente e vender os produtos como alimento orgânico há um longo caminho. É preciso ter o selo orgânico que certifica e identifica a produção, tornando-a mais valorizada no mercado. Acontece que este selo só tem validade se a produção orgânica for coletiva, na qual um grupo de no mínimo 12 agricultores/as de uma mesma comunidade solicitam a certificação mediante cadastro no Ministério de Agricultura. E ao redor da casa de Antonio, não tem outro produtor orgânico a não ser ele. "Não é só a gente querer não. O governo fala muito em orgânico, mas não incentiva", constata ele.



Mas a preocupação e motivação maior de Antonio é a família, com a alimentação dos filhos e da mulher, "que se eu não tivesse, eu ia ter que comprar. E também já é um gasto a menos pra gente, porque eu estou produzindo. E no lugar de comprar, eu já vou é vender o que sobra". Antonio e Dinha falam do futuro dos filhos com uma certeza e um querer, que eles sejam trabalhadores, com estudo e orientação. Para que esse desejo seja concretizado ele tem plena consciência que deve pensar na saúde e no bem estar dos meninos e criá-los com uma alimentação livre de agrotóxicos.



A abertura para o saber mudou a vida do agricultor experimentador Antônio e sua família

Antônio José e Dinha começaram a vida a dois em família, com a primeira filha Thaís a caminho, e morando de favor numa casa ao lado da atual, na comunidade Pató, Caridade. "Eu trabalhava aqui, que o terreno é do pai, de herança, com a palha e como pedreiro, também. Mas aí fracassou a palha, a venda ficou ruim, fiquei só como pedreiro. Desde um dia que encontrei um camarada, fiquei sabendo das coisas e comecei a plantar uns canteirinhos. Eram três canteiros, aguava na mão", relata Antônio o início de sua vida como agricultor.



Como agricultor experimentador, Antonio deu muita importância a participação e recepção de intercâmbios em sua casa. Foram processos fundamentais para Antonio e Dinha experimentarem práticas agroecológicas na horta de casa. Para ele "é trocar uma experiência com a outra", um tem uma forma de fazer, o outro tem outras. "E aprendendo, observando eu vi que aqui, pior já estive. Se fosse uma terra melhor, já teria muito mais coisa, mas como a terra é ruim, nem feijão dava, e olhe que feijão dá até em carrasco, e ninguém dava nada pro que eu fazia. Hoje, eu plantando, tudo dá, através de uma mudança de hábito", observa o agricultor.

Ele comenta que os problemas e a má convivência com o Semiárido são pela falta de pesquisa e orientação. Para começar sua horta, há quatro anos, precisou trilhar um caminho de observação, pesquisa, experimentação e cursos, até acertar. "A orientação eu vim receber de outubro do ano retrasado (2011) pra cá, depois dos cursos. A gente podia ter tido orientação pra compostagem, a maneira certa de plantar, irrigar. Só vim aprender mesmo isso no curso que fiz de horticultura orgânica. A secretaria de agricultura de Caridade que trouxe pra cá", completa.

Curiosidade e experimentação

No início, chegou a usar agrotóxicos na horta, devido ao que ele considera tradição na agricultura da família. Mesmo evitando, não impediu que desistisse de vez da prática nociva. "Era raro a gente usar agrotóxico, mas usava, como quando apareceu o mal da cebola, que a gente usou o remédio da mosca. Mas faz três anos que parei, desde que me intoxiquei, pulverizando o agrotóxico no roçado, não foi nem na horta. Fui parar no hospital, todo cheio de caroço e me coçando", conta, ainda, que familiares e vizinhos ainda usam o veneno, mesmo depois do acesso às



informações e cursos oferecidos pela Secretaria de Agricultura e Ematerce. O pai e os irmãos, que são seus vizinhos, desacreditaram de Antônio quando começou a usar defensivos naturais. "Quando eu ia tirar casca de angico, eles diziam que aquilo não ia servir de nada, porque eles tem costume de usar só veneno. Mas, quando viram eu usando a pimenta, pra matar a lagarta, e que a coisa começou a melhorar, hoje eles aceitam, até usam, mas não é a prática deles", completa o Antônio.

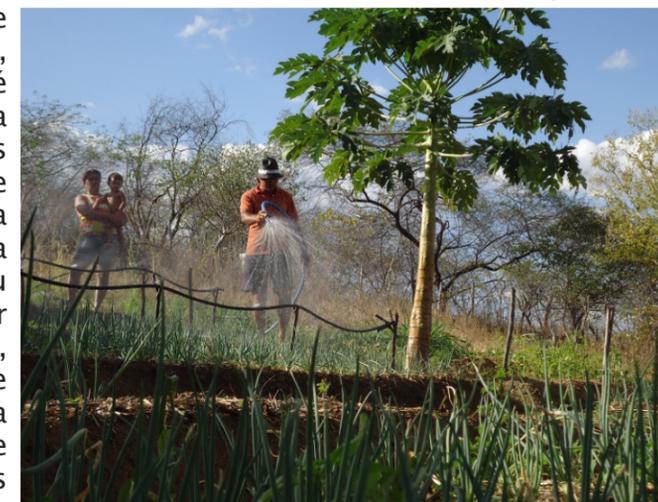
Há quatro anos, quando começou a horta, plantou primeiro o cheiro verde, coentro e cebolinha, aí depois foi experimentando outras culturas. "Banana, mamão, plantei depois do intercâmbio que participei, em 2011. Aí, como é difícil arranjar muda, a gente vai devagarzinho, plantando aos poucos. Agora, sem estar atrás de assistência técnica, comecei a fazer por conta própria, pesquisas na internet. Comprei um computadorzinho de segunda mão e vou aprendendo. Já mudo o tipo de preparo, como o calda bordalesa, que a gente não pode usar muito, só quando a planta está pequena, que a gente vê que não vai colher logo. Uso muito sabão neutro, rolo de fumo, caldo de angico, e pra cada pulverização, eu uso um tipo de preparo, uns 15 dias de uma pra outra. Isso, quando precisa, porque nas pesquisas diz que se usa como prevenção, mas se eu vejo minha lavoura sadia,



eu não preciso estar colocando toda vez", explica. "Antes, eu podia estar trabalhando a semana todinha que sempre estava faltando alguma coisa, desde a horta, a gente nunca mais soube o que é passar dificuldade. Eu trabalhava, esperava uma semana ou 15 dias pra receber algo. Hoje, às vezes amanhece sem o açúcar e sem o café, aí dá 7h/8h, chega uma pessoa pra comprar um real de verdura, aí, passou a dificuldade. Hoje eu tiro mais de um salário mínimo com a horta", destaca Antônio, a respeito do seu modo de sustento, que melhorou muito a qualidade de vida da família.

Alimentos orgânicos para saúde da família

Dinha quase não tem tempo de trabalhar na horta e no roçado com seu companheiro, Antônio, porque os filhos, uma de oito anos e o outro de quase dois, não lhe dão sossego, a atenção é de 24h! Mas se preocupa com a alimentação saudável e apoia as práticas do marido. "A gente compra só arroz, farinha, milho, a massa de milho, macarrão e a mistura. Agora a gente comprou uns pintinhos pra começar a criar galinha", comenta Dinha, mostrando o quarto cheio de pintos e jerimuns colhidos da horta, ao mesmo tempo em que segura o filho que brinca com os filhotinhos.



Antônio complementa que a agricultura orgânica deu mais segurança ao seu trabalho e à sua família. "Antes eu usava adubos e defensivos naturais, mas não sabia que era orgânico. E sabendo, eu fico mais seguro, porque meus filhos vão até a horta comigo, às vezes comem a verdura do pé. Hoje em dia vem gente de Fortaleza comprar da minha horta. O gosto da cenoura que eu produzo com a do comércio não tem comparação, é doce, é diferente. Um cidadão mesmo que veio aqui comprar, achou a cenoura muito pequena e não queria levar.

